

Batalha Espiritual e Cosmovisões

Paul G Hiebert

Artigo

Revista Antropos – Volume 2, Ano 1, Maio de 2008

ISSN 1982-1050

Spiritual Warfare and Worldviews

<http://www.directionjournal.org/article/?1052>

acessado em 14/02/2007

Tradução Marcelo Carvalho

Figuras redesenhadas e traduzidas por Marcelo Carvalho

Em anos recentes tem-se renovado o interesse no evangelho como poder nas vidas das pessoas e na batalha espiritual entre Deus e Satanás (Anderson 1991, Arnold 1997, Kraft 1992, Moreau 1997, Powilson 1995, Wagner 1991, para nomear uns poucos). Isso surge como um importante corretivo para as primeiras ênfases em muitas igrejas ocidentais no evangelho como meramente verdade, e no mal primariamente como fraqueza humana. Ambos, verdade e poder, são temas centrais no evangelho e deveria estar na vida do povo de Deus. Mas, muita literatura sobre batalha espiritual tem sido escrita por missionários ocidentais que têm sido forçados a questionar suas negações ocidentais dessa realidade mundial de espíritos por causa dos seus encontros com bruxos, espiritismo e possessão demoníaca. Frequentemente, eles também baseiam seus estudos na experiência e olham para os textos bíblicos para justificar suas visões. Eles falham em examinar as cosmovisões que eles têm ao interpretar a Escritura e a experiência. Essas coisas são difíceis de ver porque são coisas que estão por detrás da forma como pensamos, e não são sobre as coisas as quais pensamos.

Cristãos e igrejas estão precisando desesperadamente mostrar o poder de Deus em vidas transformadas e na confrontação do mal (como Cristo fez) em qualquer lugar que o encontre.

COSMOVISÕES DIFERENTES E BATALHA ESPIRITUAL

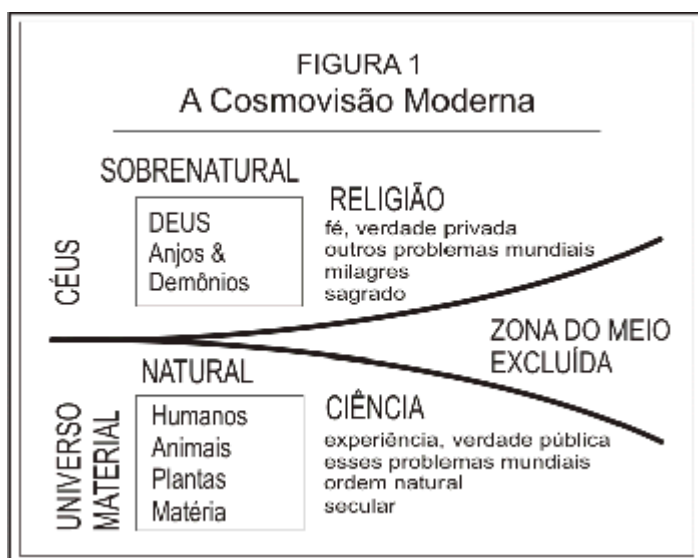
Histórias de batalhas entre o bem e o mal, e o confronto de poder entre deuses bons e demônios maus são encontrados em todas as religiões. No hinduísmo, Rama enfrenta Ravana, no budismo, Buda luta contra Mara, no islamismo Alá guerreia contra Shaitan, e nas religiões tribais deuses lutam um contra o outro por conquistas. Quais são algumas das cosmovisões que dão forma às discussões atuais levando em consideração a natureza da batalha espiritual?

Cosmovisão Sobrenatural/Natural Moderna

A cosmovisão ocidental tem sido moldada desde o século dezesseis pelo dualismo cartesiano que divide o cosmos em duas realidades: o mundo sobrenatural de Deus, anjos e demônios, e o mundo natural material dos seres humanos, animais, plantas e matéria. Isso tem levado a duas visões de batalha espiritual. Primeiro, o materialismo secular nega a realidade do mundo sobrenatural e reduz a realidade ao mundo natural, o qual pode ser mais bem estudado pela ciência. Para eles não há batalha espiritual porque não há deuses, anjos ou demônios. Há apenas guerras naturais entre seres humanos, comunidades e nações. Cristãos que aceitam essa visão demitologizam a Escritura para ajustá-la às crenças seculares científicas modernas. A batalha, eles dizem, é entre o bem e o mal no sistema social humano. A igreja é chamada a lutar contra pobreza, injustiça, opressão, e outros maus que são

conseqüência da opressão e sistema humano de exploração do governo, atividades comerciais, e religião.

A segunda visão da batalha espiritual emergindo desse dualismo cartesiano é que Deus, anjos, e demônios estão envolvidos em uma batalha cósmica nos céus, mas os eventos diários na terra são mais bem explicados e controlados pela ciência e tecnologia (fig.1). Pessoas oram a Deus por sua salvação, mas recorrem à medicina moderna para curar e à psicologia para libertar-se da tão chamada possessão demoníaca, porque demônios existem nos céus, não na terra. Missionários ocidentais influenciados pelo dualismo afirmam a batalha cósmica entre o bem e o mal, mas negam as realidades do bruxo, possessão espírita, mal olhado e mágica nas culturas onde eles servem. Consequentemente eles falham em prover respostas bíblicas ao temor dos povos de poderes e espíritos terrenos, e falham em lidar com a realidade da obra de Satanás na terra.



Cosmovisão Tribal

Para muitos povos tribais, ancestrais, espíritos terrestres, bruxos, e magia são bem reais. As pessoas vêem a terra e céu como cheio de seres (deuses, divindades terrenas, ancestrais, fantasmas, espíritos maus, humanos, animais, e espíritos da natureza) que se relacionam, enganam, intimidam, e batalham um contra o outro por poder e benefício pessoal. Esses seres não são nem totalmente bons nem totalmente maus. Eles ajudam àqueles que os servem ou os apaziguam. Eles causam dano àqueles que se opõem aos seus desejos ou aos que os negligenciam ou se negam a honrá-los. Seres humanos devem aplacá-los para evitar terríveis desastres.

Batalha espiritual em sociedades animistas é visto como uma contínua batalha entre diferentes alianças de seres (fig.2). Para a maior parte essas alianças estão fundamentadas em etnicidade e território. A batalha não é entre o “bem” e o “mal”, mas entre “nós” e os “outros”. Os deuses, espíritos, ancestrais e as pessoas de uma aldeia ou tribo estão em constante batalha com aqueles que estão em volta das aldeias e tribos. Quando as pessoas de um grupo derrotam as de outro, eles atribuem seu sucesso ao poder dos seus deuses e espíritos. Quando eles são derrotados, eles culpam a fraqueza dos seus deuses e espíritos.



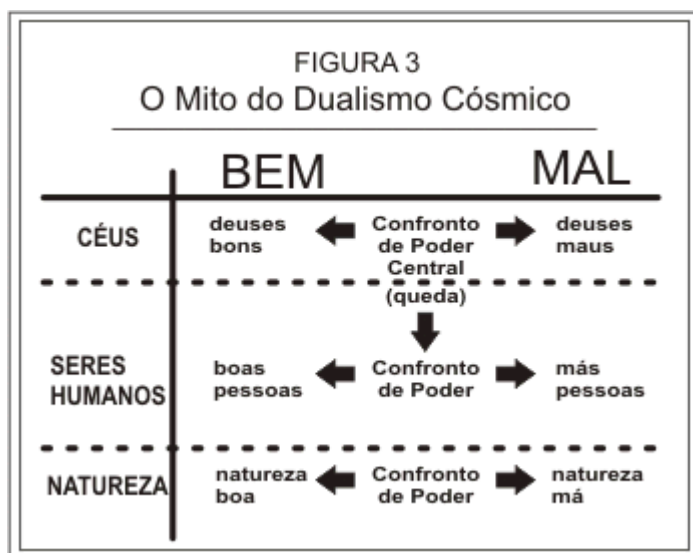
Território representa uma importante papel na visão tribal da batalha espiritual. Deuses, espíritos, e ancestrais residem em lugares específicos ou objetos e protegem as pessoas que residem em suas terras. Quando uma comunidade é derrotada, é gerada uma expectativa que as pessoas mudem suas alianças para um deus mais forte e o sirvam. Conversões a novos deuses frequentemente seguem o dramático “confronto de poder”.

Alguns cristãos interpretam as passagens bíblicas sobre batalha espiritual usando uma cosmovisão tribal tradicional com suas ênfases no território e confronto de poder. Satanás é visto como tendo autoridade sobre a terra a qual ele delega à sua hierarquia demoníaca. A crença em espíritos que governam territórios e controlam pessoas implica que essas pessoas são vítimas infelizes de batalhas cósmicas de deuses e que uma vez que elas são libertas estarão prontas para serem convertidas em massa a Cristo. Isso torna a realidade do homem cheio de pecado bem aquém do que deveria ser. Mesmo se os demônios são expulsos, os homens os chamam de volta e renovam sua rebelião individual e corporativa contra Deus.

Crer nos espíritos maus agora governando territórios geográficos também nega a obra da cruz. Se a autoridade delegada de Satanás que teve na época da criação foi tomada após a ressurreição quando Cristo declarou “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra” (Mateus 28.18). Satanás agora não tem mais autoridade sobre a terra, somente a autoridade dada a ele por seus seguidores, homens e demônios. Cristãos não devem identificar Satanás e seus seguidores com territórios que pode ser exorcizado. Fazer isso é introduzir crenças animistas na cosmovisão cristã. Como Chuck Lowe aponta (1998), essa visão de espíritos territoriais tem pouca justificativa bíblica.

Cosmovisão Indo-Européia

Uma terceira cosmovisão da batalha espiritual é baseada em um dualismo cósmico (fig.3). Essa cosmovisão é encontrada no Zoroastrianismo, Maniqueísmo, Hinduísmo e em outras culturas moldadas pela cosmovisão Indo-Européia. Nela, deuses poderosos batalham pelo controle do universo: um busca para estabelecer um reino de justiça e ordem, e o outro um império do mal. Os seres humanos são inocentes vítimas pegadas no conflito cósmico. O efeito é incerto, pois ambos lados são igualmente fortes. Bem e mal aqui, contudo, não são definidos em termos morais absolutos. O bem é associado com nosso povo e o mal com os outros. Nossos deuses e pessoas ocasionalmente pecam e fazem o mal, mas eles são “bons” porque eles estão no nosso lado. Outros deuses e povos fazem o bem, mas eles são “maus” porque eles estão contra nós.



O centro dessa cosmovisão é o mito da violência redentiva. A ordem pode ser estabelecida somente quando um lado derrota o outro numa batalha espiritual. Violência é necessário para trazer em todas as perspectivas uma sociedade melhor (veja a discussão em Wink 1992). Vencer, portanto, é tudo. O foco está na batalha. Conflitos e competição estão intrínsecos para o mundo e levam à evolução (biológica), progresso (civilização), desenvolvimento (economia), e proeza (esportes).

Moralidade na batalha Indo-Européia é baseada não em uma noção de justiça moral, mas de “justiça” e “igual oportunidade”. Para ser justo, o conflito deve ser entre essas noções para ser mais ou menos igual em força. O resultado deve ser incerto. É “injusto” colocar um time profissional contra um time de amadores. Igual oportunidade significa que ambos os lados devem ser capazes de usar os mesmos meios para obter vitória. Se o lado do mal usa meios ilegais e perigosos, o lado do bem é justificado em usá-los. Nos filmes, o policial não pode atirar primeiro. Quando um criminoso saca um arma, contudo, o policial pode atirar na pessoa sem ir a julgamento. No fim, ambos, o bem e o mal usam

violência, engano e intimidação para vencer a batalha. Nessa cosmovisão, caos é o maior mal de todos, e o poder e controle são os maiores representantes do bem.

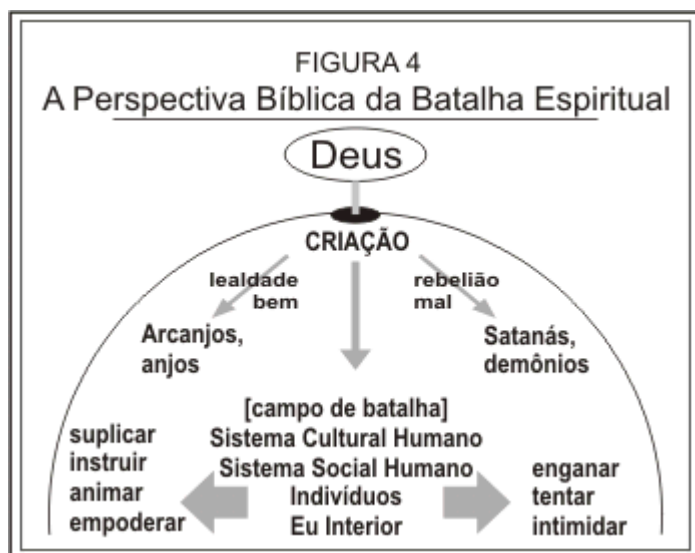
As crenças religiosas Indo-Européia em grande parte exterminada no ocidente, mas como Walter Wink aponta (1992), continua sendo a base do entretenimento americano (faroeste, histórias de detetives, caubóis e índios, histórias de guerra) e esportes (futebol americano, hóquei). Pessoas pagam para ver a batalha no campo de futebol americano e voltam para casa cantando a vitória do seu time ou dando explicações pela derrota. A história termina quando o detetive desmascara o vilão, o caubói vence os índios, Luke Skywalker e a Princesa Lia frustram o Império do Mal, e Super-Homem destrói os inimigos da humanidade. Vitória no mito Indo-Europeu nunca é final, nem a completa derrota do mal. O mal se levanta de novo para desafiar o bem, e o bem deve estar constantemente em guarda contra os futuros ataques. Muitas interpretações cristãs atuais de batalha espiritual são baseadas na cosmovisão Indo-Européia que a vê como uma batalha cósmica entre Deus e seus anjos contra Satanás e seus demônios pelo controle dos povos e das terras. A batalha é nas regiões espirituais, mas se estende sobre céus e terra. A questão central está no poder – Deus pode derrotar Satanás? Devido ao fato do resultado não estar sob dúvida, oração intensa é necessária para capacitar Deus e seus anjos a obter a vitória sobre os poderes demoníacos. Seres humanos são vítimas dessa luta. Mesmo aqueles que se voltam a Cristo são alvos de ataques físicos de Satanás.

PERSPECTIVAS BÍBLICAS DA BATALHA ESPIRITUAL

Batalha é uma importante metáfora na Escritura e nós devemos considerá-la seriamente. Eugente Peterson escreve,

Há uma guerra espiritual em progresso, uma batalha totalmente moral. Há maldade e crueldade, infelicidade e doença. Há superstição e ignorância, brutalidade e dor. Deus está em contínua e energética batalha contra tudo isso. Deus está pela vida e contra a morte. Deus está pelo amor e contra o ódio. Deus está pela esperança e contra o desespero. Deus está pelo céu e contra o inferno. Não há local neutro no universo. Cada centímetro quadrado de espaço é disputado (1997, 122-23).

A questão é a seguinte: Qual é a natureza dessa batalha na perspectiva bíblica? Uma coisa é clara: a imagem bíblica de batalha espiritual é radicalmente diferente daquela nos mitos materialista, tribal e Indo-Europeu (fig.4). Por exemplo, no Antigo Testamento as nações viam a derrota de Israel como evidência de que seus deuses eram mais poderosos, mas os registros do Antigo Testamento são claros – as derrotas de Israel não estão nas mãos dos deuses pagãos, mas no julgamento de Yahweh por causa dos seus pecados (Juízes 4.1-2; 6.1; 10.7, 1 Samuel 28.17-19; 1 Reis 16.2-3; 2 Reis 17.7-23). Da mesma forma, a batalha entre Deus e Satanás não é uma questão de poder (Jó 1.1-12; Juízes 9.23-24). O mundo inteiro pertence a Deus. Os deuses dos pagãos, na verdade, não são deuses. Eles são imagens meramente feitas por homens, esculpida em madeira e pedra (Isaías 44.46). Satanás é um anjo caído criado por Deus.



No Novo Testamento o foco muda para uma maior visão de batalha espiritual. Os Evangelhos claramente demonstram a existência de demônios ou espíritos imundos que oprimem pessoas. Os exorcistas da época de Jesus usavam técnicas para expulsar os espíritos (Keener 1993). Jesus, em contraste, simplesmente expulsava os demônios baseada em sua própria autoridade (Marcos 1.21-27; 9.14-32).

A Natureza da Batalha

A Bíblia é clara ao afirmar que há uma batalha cósmica entre Deus e Satanás (Efésios 6.12). Não há dúvida, contudo, acerca do resultado dessa batalha. Deus é o Criador. Todo o resto é criação, dependente da contínua criação de Deus para a sua contínua existência. A própria existência de Satanás e dos pecadores, e a força que esses pecadores utilizam em sua rebelião é dada por Deus e é testemunho de sua misericórdia e amor. Se a peleja cósmica entre Deus e Satanás não é de poder, de que é então? É o estabelecimento do Reino Deus na terra como já o é nos céus.

Duas parábolas ajudam-nos a entender a natureza bíblica da batalha espiritual. A primeira é a do filho do pródigo (gastador das riquezas do pai) (Bailey 1998). O pai cobre o seu filho de amor, mas o filho se rebela contra o seu próprio genitor. O pai não está interessado em puni-lo, mas em conquistá-lo de volta. Então, o pai se desdobra em amor incondicional para com o filho. O filho quer provocar o pai para que o odeie, e desse modo justificar sua rebelião, mas o pai toma todo o mal que seu filho amontoou sobre ele e continua a amá-lo. Quando o filho se arrepende, ele é completamente restaurado de volta ao seio da sua família (Lucas 15.21-24). Similarmente, Deus ama suas criaturas em rebelião e anseia que eles se voltem para ele para salvação. Nessa batalha pela fidelidade das pessoas, os seres humanos não são vítimas passivas. Eles são ativos conspiradores com Satanás em rebelião contra Deus.

A segunda parábola é a dos lavradores maus (Mateus 21.33-44). Foi dada a eles autoridade legitimada pelo mestre sobre parte do reino, mas eles se rebelaram e perseguiram aqueles que eram fiéis ao mestre. De acordo com a cosmovisão Indo-Européia o rei deveria derrotar os rebeldes pela força e destruí-los. Na cosmovisão bíblica o rei primeiro busca reconciliação. Quando ela falha, envia seu filho, mas o filho é traído na coorte dos lavradores, encontrado culpado, e colocam-no para ser morto. O caso é apelado ao rei que encontra os legisladores maus e o remove do poder. A questão central na Escritura não é de poder, mas de legitimidade.

Anjos e Demônios

A visão bíblica sobre batalha espiritual evoca uma teologia de anjos e demônios. Satanás e suas hostes são terrivelmente reais e representa os

poderes da escuridão arregimentado na batalha contra o Reino de Luz de Deus. Walter Kaiser e seus colegas apontam que

demônios são parte do conflito cósmico ou espiritual contínuo por trás das atividades exteriores como pregação, ensino, e cura. Demônios se ajustam ao quadro do Novo Testamento de que o reino de Deus representa e ao fato de que a salvação não é simplesmente libertação de doenças físicas ou de opressão política ou de pobreza, mas está num processo de libertação de um julgamento final, do pecado espiritual e da opressão por forças espirituais do mal conectada a essas coisas (1996, 81).

Desgraça e doença são o resultado do pecado, mas muitas coisas não são causadas por fontes demoníacas. Elas são parte do estado decaído humano e do julgamento pelo pecado. A maior barreira para as pessoas virem a Cristo não é a atividade demoníaca, real como ela é, mas o pecado humano e a rebelião expressa nos sistemas cultural e social decaído que leva as pessoas a adorarem a elas mesmas antes do que adorar ao Criador (Romanos 1.21-25).

Cristãos são libertados do poder que Satanás primeiramente tinha sobre eles. Cada pessoa que está “em Cristo” compartilha singularidade de Cristo e não precisa estar apreensiva ou sentir-se paralisada com medo de Satanás e dos maus espíritos (1 João 4.4). Satanás e seus demônios não têm poder sobre os crentes além do que Deus permite.

As Armas da Batalha

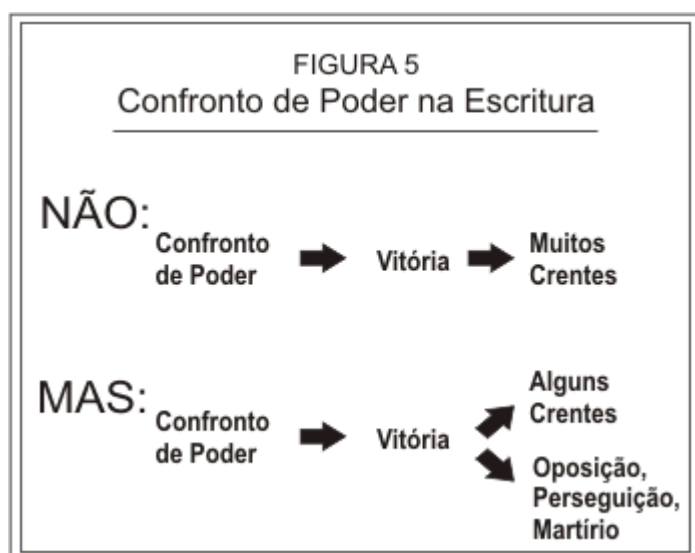
É claro nas Escrituras que as armas da batalha espiritual são diferentes para Deus e para Satanás. Satanás cega a mente das pessoas para as verdades através das mentiras e engano. Ele os tenta com o prazer do pecado, pelo apelo a sua velha natureza. Ele os intimida com temor por enviar desgraças. Ele os acusa de seus pecados. Sobre tudo, ele os convida a adorar a eles mesmos como deuses (Gênesis 3.1-7; 2 Timóteo 3.2). Deus usa as armas da verdade para iluminar a mente, justiça para combater o pecado, e paz e *shalom* contra a tentação. Sobre tudo, ele convida todos ao Reino de Deus no qual Cristo reina em perfeito amor e justiça.

Satanás e seus seguidores (demônios e seres humanos) desenvolvem culturas e sociedades de rebelião que cegam as mentes humanas. Eles buscam controlar aqueles que se voltam a si mesmos para a rebelião, para manter os pecadores longe da conversão, e promover queda aos salvos. Rebelião humana é individual e corporativa. Deus e seus seguidores (anjos e seres humanos) criam a igreja como uma comunidade contracultura onde Cristo é reconhecido e adorado como Senhor, e onde verdade, amor, e justiça reinam. Na batalha, Deus, seus anjos e seus santos ministros protegem e guiam seu povo (2 Reis 6.17; Gênesis 24.7; 31.11-12; Daniel 8.15-16; 9.20-23; Mateus 1.20).

Confronto de Poder

No coração de muitos, a atual discussão a respeito de batalha espiritual está o conceito de “confronto de poder”. Frequentemente isso é visto na cosmovisão Indo-Européia. Proponentes vêem tais confrontos como oportunidades para demonstrar o poder de Deus através de curas dramáticas, expulsão de

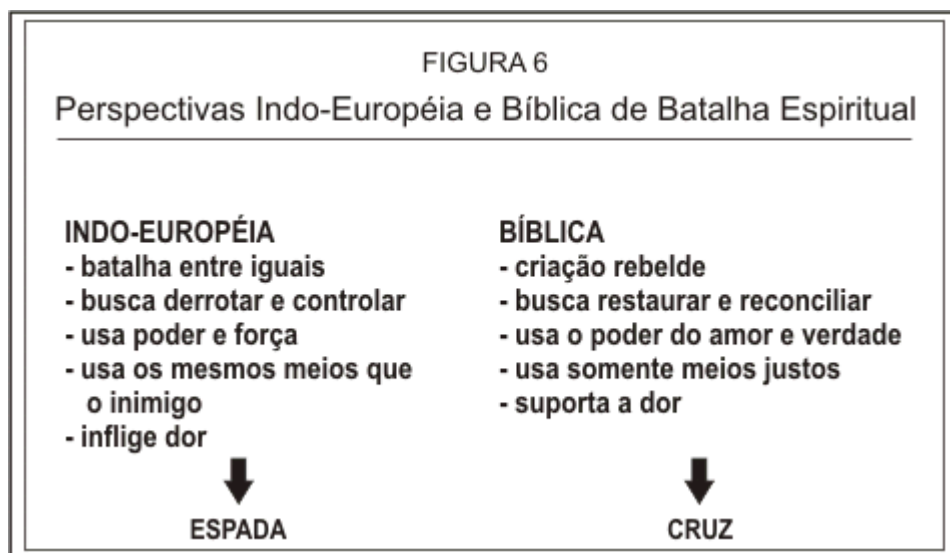
demônios e proteção divina, e afirmam que quando as pessoas virem as intervenções miraculosas de Deus, elas crerão. A Escritura e a história da igreja mostram que demonstrações do Poder de Deus geralmente levam alguém a crer, mas também instiga o inimigo a aumentar a oposição levando à perseguição e morte (fig. 5). Nós vemos isso no livro de Atos onde vitórias são seguidas por perseguição, aprisionamento, e morte. Sobretudo, vemos isso no Evangelho de João, onde Jesus confronta a elite religiosa e política e é crucificado.



Na batalha espiritual bíblica a cruz é a vitória última e final (1 Coríntios 1.18-25). Ali Satanás usou todo o seu poder para destruir Cristo, ou provocá-lo a usar sua divindade erroneamente. Ambos teriam significado derrota para Cristo: primeiro porque Satanás o teria vencido, e segundo porque teria destruído o plano de Deus para salvação através do uso de meios injustos.

A Cruz como Vitória

A cruz é central para nosso entendimento de batalha espiritual, mas a cruz como vitória não faz sentido nas cosmovisões Indo-Européia ou tribal. Na cosmovisão Indo-Européia (fig. 6), Cristo poderia ter considerado o desafio dos que lhe atormentavam, convocado suas hostes angelicais que estão em prontidão nos céus, e descido da cruz em triunfo para estabelecer seu reino. Na Escritura, a cruz é a demonstração de vitória através da fraqueza. Na cruz Satanás encontra-se julgado porque ele colocou Cristo, Deus encarnado como perfeito homem, para morrer. Na cruz Jesus aborreceu os pecados do mundo e triunfou sobre todos os poderes do mal. Sua obediência à morte serviu para que “destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo” (Hebreus 2.14). A cruz foi a ruína de Satanás (Colossenses 2.15), mas a sua derrota não foi um fim em si mesmo. Antes, ela removeu os obstáculos para o propósito de Deus de criar um povo para o seu reino (Gênesis 12.1; Êxodo 19.3-6; 1 Pedro 2.9). A cruz é a vitória da justiça sobre o mal, do amor sobre o ódio, do caminho de Deus sobre o caminho de Satanás. Se nosso entendimento de batalha espiritual não vê a cruz como triunfo final, ela está em erro.



Os heróis bíblicos na batalha espiritual estão no rol da fama no livro aos Hebreus. Alguns subjugarão reinos, escaparam ao fio da espada, puseram em fuga exércitos de estrangeiros, e receberam de volta (ressuretos) seus amados (Hebreus 11.33-35). Mesmo os mais vitoriosos foram torturados, escarnecidos, açoitados, aprisionados, oprimidos, maltratados e martirizados (Hebreus 11.36-38). Eles foram “muito bons para o mundo” (Hebreus 11.38). Em todos esses casos, a vitória não está posta na derrota do inimigo, mas em permanecer firme na fé e abraçar o testemunho de Cristo, não importando o que vier.

CONCLUSÃO

Cristãos e igrejas estão precisando desesperadamente mostrar o poder de Deus em vidas e em um modo cristão de confrontar o mal onde eles o encontrarem, seja demoníaco, sistêmico, ou pessoal. Aqui nós nos deparamos com dois perigos. Por um lado, podemos evitar audaciosas demonstrações de poder por temer que elas possam se tornar mágicas. A igreja então está pobre

em manifestações do poder de Deus. Por outro lado, em nosso zelo de demonstrar o poder de Deus, podemos buscar o sensacionalismo e ser tentado a usar o poder para nossa própria glória. Nem milagres nem a cruz podem ser extraídos do evangelho sem distorcê-lo.

Finalmente, uma visão bíblica de batalha espiritual aponta para o estabelecimento final do reino de Deus através de todo o universo. Quando nós focamos demais na batalha atual, perdemos a visão do quadro cósmico na qual a verdadeira história não está na batalha, mas no reino eterno de Cristo. Aquela visão transformou a igreja primitiva, e deveria ser nosso foco no ministério hoje.

Obras Citadas

- Anderson, Neil. 1990. *Victory over the darkness: Realizing the power of your identity in Christ*. Ventura, CA: Regal.
- Arnold, Clinton. 1997. *Three crucial questions about spiritual warfare*. Grand Rapids, MI: Baker.
- Bailey, Kenneth E. 1998. The pursuing father. *Christianity Today*, 26 October, 33-40.
- Kaiser, Jr., Walter C., Peter H. Davids, F. F. Bruce, and Manfred T. Brauch. 1996. *Hard sayings of the Bible*. Downers Grove, IL: InterVarsity.
- Keener, Craig S. 1993. *The IVP Bible background commentary: New Testament*. Downers Grove, IL: InterVarsity.
- Kraft, Charles. 1992. *Defeating dark angels: Breaking demonic oppression in the believer's life*. Ann Arbor, MI: Vine.
- Lowe, Chuck. 1998. *Territorial spirits and world evangelisation?* Borough Green, Kent, GB: Mentor/OMF.
- Moreau, A. Scott. 1997. *Essentials of spiritual warfare: {124} the battle*. Wheaton, IL: Harold Shaw.
- Peterson, Eugene. 1997. *Leap over a wall: Earthy spirituality for everyday Christians*. San Francisco, CA: Harper San Francisco.
- Powilson, David. 1995. *Power encounters: Reclaiming spiritual warfare*. Grand Rapids, MI: Baker.
- Wagner, C. Peter. 1991. *Engaging the enemy: How to fight and defeat territorial spirits*. Ventura, CA: Regal.
- Wink, Walter. 1992. *Engaging the powers: Discernment and resistance in a world of domination*. Minneapolis, MN: Fortress.

Paul G. Hiebert é Professor de Missão e Antropologia no Trinity Evangelical Divinity School, Deerfield, Illinois nos EUA.

© 2000 *Direction* (Winnipeg, MB). Este artigo pode ser impresso ou baixado apenas para uso pessoal. Ele não pode ser reimpresso sem permissão do editor da *Direction* kindred@mbconf.ca.